

VILÉM FLUSSER

Flexor, o modelo.

A obra de Flexor faz parte da historia da arte em dois sentidos. Os quadros e as aquarelas fazem parte dessa historia enquanto fenomenos que atestam a conquista da abstracao, a ruptura da abstracao por concretismo matematico, e a superacao do concretismo por um neo-figurativismo que abarca tanto a abstracao quanto o concretismo e aponta um dos caminhos rumo ao futuro. (Por incrivel que pareca Flexor percorreu em sua vida relativamente curta todos esses estagios, e em todos eles criou obras decisivas). E os trabalhos teoricos, (aulas, conferencias e ensaios a serem publicados futuramente), fazem parte da historia da arte enquanto programas que mudaram o rumo da pintura brasileira, e nao apenas brasileira. Ha, no entanto, um traço comum nos dois sentidos nos quais Flexor penetra historia a dentro: Flexor e modelo. Todos os seus trabalhos plasticos sao, alem de realizacoes, tambem propostas a serem aceitas, recusadas ou modificadas por quem, e tem portanto uma dimensao didatica, tanto quanto a tem seus trabalhos literarios e suas aulas. Nos trabalhos teoricos Flexor se assume modelo, (na medida na qual a sua modestia o permite), e nos trabalhos plasticos ele se torna modelo espontaneamente, dada a sua originalidade, radicalidade e abertura para o novo. Estes dois aspectos da atividade modeladora e modelar de Flexor certamente serao objeto de estudos detalhados no futuro. O presente artigo, escrito debaixo do impacto da sua morte, procurara chamar a atencao sobre um outro aspecto de Flexor como modelo: Flexor e modelo como homem, e modelo de uma vida vivida na dignidade e, (porque nao dizer-lo?), grandeza. Procurara chamar a atencao sobre este aspecto, por ser ele mais fugaz que os outros, ja que nao se manifestou em obras permanentes, mas em gestos fugazes no convivio intimo e imediato.

Para resumir o modelo que Flexor era enquanto homem em poucas palavras: era grand seigneur em variante muito rara, a saber: rebelde. Fidalgo revoltado. Em epoca como a nossa, na qual todo tipo de nobreza tende para o conservativismo ou para o distanciamento, e na qual toda revolta tende para o vulgar e facil, a maneira de ser, de pensar e de agir de Flexor resalta como ilha de dignidade em oceano de decadencia, corrupcao e fuga. O resultado foi que Flexor, a despeito da sua forma mentis gregaria e polemica, vivia em solidao, embora em solidao nao aparente. Os inumeros contactos humanos por ele estabelecidos resultavam raras vezes em dialogo a sua altura, deixavam-o insatisfeito, e no fim da vida concentrava-se sempre mais sobre o cultivo de rarissimas amizades suas e de sua esposa, (sem a qual Flexor era alias impensavel). Mas nesse pequeno circulo, composto de pessoas das mais diversas atividades e dos mais diversos interesses, a personalidade de Fle-

VILÉM FLUSSER

xor se desfraldava de forma sempre surpreendente.

Para falar primeira em sua nobreza. Era nobre intelectualmente. A sua cultura era vasta. Obviamente era profundo conhecedor da historia da arte e da situacao atual em artes. Menos obviamente, era matematico muito bem informado, possuia um conhecimento fora do comum em ciencias da natureza, tinha bagagem quase profissional de musico, e interéssava-se por arquitetura. Era leitor assiduo em psicologia e filosofia, grande conhecedor da poesia e literatura franceza e russa, e acompanhava de perto o desenvolvimento da literatura brasileira. Pois esta vasta cultura funcionava nele como rede para captar sempre novos dados para a sua curiosidade insaciavel. Embora tenha gostado de discutir veementemente, nunca insistia no seu ponto de vista. Procurava sempre penetrar o ponto de vista oposto com simpatia. Todo orgulho intelectual, todo dogmatismo e toda auto-afirmação lhe eram inteiramente alheios. Discutia sempre em cavalheiro. Era nobre esteticamente. Tinha um sentido inacreditavelmente apurado para descobrir o falso, o barato, o Kitsch em tudo, uma sensibilidade tao aguda que o fazia sofrer fisicamente em contacto com a vulgaridade. As suas opinioes esteticas eram revolucionarias, e ele as apresentava com violencia e todo empenho. Mas sempre deixava abertura para a duvida e a contestacao das posicoes por ele assumidas. Estas opinioes podem ser assim resumidas: a busca da beleza no feio. Dado o seu senso para o vulgar, ele se permitia o virtuosismo de recorrer ao vulgar, (a pornografia, o palavrao, o gesto impudico), e transforma-lo em articulacao de nobreza. Era nobre moralmente. Toda acao desonesta e toda atitude covarde, por corriqueiras e sem importancia que sejam, era totalmente inimaginavel em Flexor, ultrapassava a fantasia. O codigo etico que seguia, (por certo inconscientemente, e nao raras vezes oposto as opinioes por ele esposadas intelectualmente), era rigido e mantido em situacoes adversas. E creio que os valores supremos desse codigo eram estes: veracidade, coragem, fidelidade. Mas estes valores ele os impunha sobre se mesmo, nao sobre os outros. Perante os outros praticava uma tolerancia e compreensao as vezes exageradas. Nao era inimigo de ninguem, embora possa ter tido inimigos. E de quem era amigo, (de muito poucos), era amigo no sentido radical do termo. Era fidalgo.

E com tudo isto era rebelde. No campo das artes plasticas a sua rebeliao e rebeldia resultaram em obras permanentes a modificarem o curso das artes. Nos demais campos se manifestavam menos significativamente, mas nao menos radicalmente. Nao e necessario enumerar tais campos, que iam degde a moda ate a politica, desde os costumes ate a filosofia. Basta tratar de um unico campo: o da teologia. Flexor recusava toda autoridade e todo

VILÉM FLUSSER

executivo, portanto recusava também a autoridade e o executivo máximo: Deus. Note-se bem: recusava, não negava. Chingava Deus, culpava-O por todos os males, chamava-O de tirano. Em todos os seus violentos ataques a toda espécie de autoridade assassina, (Hitler, Westmoreland, Stalin, o academismo, a crítica jornalística, o domínio dos canais de comunicação de massa), visava em última análise Deus. Curiosa teologia essa, e que explica a sua admiração pelo Marques de Sade, a quem dedicou várias de suas obras. Uma teologia rebelde que, suspeito, nasce de profunda fe profundamente recalcada. (Posso escrever isto agora, porque infelizmente Flexor não pode mais me chingar dizendo que estou lhe imputando algo.) Desconfio, inclusive, que Flexor identificava o Deus-tirano com sua própria morte, e que toda a fase final do seu trabalho, (trabalhava até o fim, mesmo não podendo mais manter-se em pé), se dava em desafio a esse Deus. Era rebelde de Deus.

Disse no início que nobreza e rebelião são combinação rara. E, com efeito, a única combinação que me parece viável e justamente esta: rebelde de Deus. É ela a única nobreza da rebelião, a única rebelião nobre. É ele a modelar no seguinte sentido: aponta para nos outros uma possível abertura para Deus, um Deus que se afastou a tal ponto que parece estar morto. Pois em Flexor está vivo, e provoca não apenas criatividade, mas também nobreza. Somos, aí de nós, carentes em valores, (e não apenas em valores). Não sabemos que fazer, como nos comportar, que transmitir aos vindouros. Isto é muito mais grave que a dita crise em artes. Em artes quicá Flexor aponta um caminho possível. Aos que o conhecem bem, aos que com ele conviviam, aponta também uma saída possível da crise mais profunda, da crise existencial na qual nos debatemos. A sua foi uma existência modelar em tempo de crise. Faz um grande bem apenas poder falar nela, como o faz este artigo. Faz um grande bem a quem o escreve, e talvez também a quem o está lendo. Enquanto há um Flexor do passado imediato e na memória presente, ainda deve haver futuro.